



Agroecologia e pensamento descolonial *Agroecology and decolonial thinking*

MELO, Emely C. S.¹; PEREIRA, Monica C. B.²

¹ Doutoranda em Geografia pela UFPE, NEPPAG Ayni, emelychristinegeo@gmail.com; ² Professora DCG/UFPE, NEPPAG Ayni, monicacoxbp@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: O processo colonial dos países da América Latina gerou marcas que reverberam até hoje na sociedade, perdurando traços de colonialidade e fortalecendo meios de dominação. Nas Agrárias essa análise é ainda mais problemática, visto que diversos marcos em sua história fortaleceram o discurso colonial. Por outro lado, vários estudos vêm trazendo o pensamento descolonial como importante estratégia de transcender a colonialidade. Nesse sentido, a proposta aqui é trazer a Agroecologia como forma de superação dos traços coloniais na agricultura, garantindo o reconhecimento e a valorização das diversas formas de expressão do ser, saber e sentir. Para concretização do trabalho utilizamos de pesquisa bibliográfica e reflexões coletivas proporcionadas por grupos de discussões, estudos e pesquisas. Assim, os resultados evidenciam que a Agroecologia propicia importante base teórica e prática para desconstruir o modelo hegemônico colonial e garantir uma perspectiva crítica integradora emancipatória.

Palavras-chave: descolonialidade; agricultura; construção do conhecimento.

Introdução

O processo de colonização promoveu padrões e regras hegemônicas e universais que atravessam as populações até hoje. Orientadas pelo discurso eurocêntrico, as marcas coloniais, invisibilizaram diversos sujeitos, territórios e experiências, estes que foram considerados “atrasados e inferiores” pelas estruturas de dominação. Nessa pesquisa nos apoiamos no entendimento de Quijano (2005) na qual reflete que a continuidade do processo de dominação se dá pela centralidade da Europa, entendida como única referência para outras sociedades. É a partir da “ideologia de superioridade” que toda uma nação é moldada. Diante disso, o pensamento descolonial passa a ser um processo essencial no rompimento das estruturas de poder e de colonialidade, é a partir dele que podemos questionar, problematizar e romper o paradigma colonial.

Na agricultura, a herança colonial de concentração e exploração das terras é fortalecido com a revolução verde, esta que tinha o intuito de hegemônizar os processos agrícolas em um curto espaço de tempo no padrão mundial de poder capitalista. Dessa forma, há o apagamento de uma longa história da relação do ser humano com a natureza, que hoje é resgatada pelas práticas agroecológicas. Nesse sentido, pensar em Agroecologia vai além de um modelo de produção agrícola, é pensar na transformação da sociedade, no enfrentamento de crises e no resgate da pluralidade de formas de ser, pensar e agir.



O objetivo aqui não é deslegitimar ou desqualificar todo o modelo de ciência atual, mas refletir a necessidade de garantir que outros conhecimentos sejam legitimados e valorizados de forma igualitária, tendo como foco o questionamento do modelo hegemônico e universal e reconhecer que tal paradigma dominante não é eficaz. Neste trabalho a Agroecologia é apontada como alternativa a esse modelo, entendendo-a enquanto ciência, movimento e prática, como caminho no qual múltiplos saberes, experiências e territórios são valorizados. A Agroecologia é uma forma de “Reinscrever na história da humanidade o que foi reprimido pela razão moderna, em sua versão de missão civilizadora ou em sua versão de pensamento teórico negado aos não-civilizados” (MIGNOLO, 2003, p. 158).

O trabalho se justifica na medida em que ainda são poucos os escritos que relacionam Agroecologia e Descolonialidade, ao mesmo tempo que na prática os processos descoloniais nas experiências agroecológicas são bastante perceptíveis. Dessa forma, é fundamental pensar na construção do conhecimento a partir dessa perspectiva, desta maneira o intuito é compartilhar e sistematizar um conjunto de reflexões e aprendizados desde as vivências das autoras.

Metodologia

A pesquisa teve base em uma abordagem epistemológica descolonial como posição contra hegemônica e como forma de garantir uma análise crítica sobre a Agroecologia. Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizamos da pesquisa bibliográfica, bem como, do acúmulo de reflexões, leituras e debates proporcionados pela participação das autoras no Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia (NEPPAG Ayni/UFPE) e em outros grupos de trabalho, seminários e espaços horizontais de construção do conhecimento.

Resultados e Discussão

O pensamento descolonial se constitui a partir do momento que há o reconhecimento da existência do conhecimento hegemônico, ao mesmo que se tem a possibilidade de contestar esse conhecimento levando em consideração os diversos conhecimentos, histórias e racionalidades que foram invisibilizadas (BRAGATO, 2014). Para contribuir com o debate Walsh (2013) afirma que a descolonização é uma forma de reumanizar a humanidade diante de todo assédio proporcionado pelas estruturas materiais e simbólicas. “A descolonização é a explosão muscular, sanguínea, existencial e semântica dos corpos que batalham por liberdade” (RUFINO, 2021). “Neste momento, estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida. Os seres que são atravessados pela modernidade, a ciência, a utilização constante de novas tecnologias, também são consumidos por elas” (KRENAK, 2020).

No âmbito das agrárias entendemos que a Agroecologia é a principal forma de despertar esse pensamento descolonial e romper com o modelo colonial



homogêneo de agricultura. “A agroecologia foi definida como um novo paradigma produtivo, como uma constelação de ciências, técnicas e práticas para uma produção ecologicamente sustentável, no campo” (LEFF, 2002, p.36). Para Pereira (2016) a Agroecologia é uma paradigma emergente em linha de frente na luta contra o paradigma dominante que carrega consigo um modelo de sociedade ocidental, cartesiana, reducionista, tecnicista e neutro”.

Quando se fala de Agroecologia na prática podemos apontar diversas experiências que vêm enfrentando resistências cotidianas em seus territórios de atuação. Em linhas gerais, as práticas descoloniais nos territórios já estão em curso, visto que, muitas das comunidades, apesar das influências externas de padronização, mantêm suas tradições e costumes/conhecimentos e resistem às imposições monoculturais. Essas experiências são pautadas em uma perspectiva na qual ser humano e natureza vivem em equilíbrio, nos inspirando a pensar em uma relação mútua não hierarquizada. Guzmán (2004) chama a atenção que a agroecologia é forma popular de resistir ao processo de modernização na agricultura, respeitando as estruturas e processos de reprodução social e ações coletivas.

Enquanto movimento a Agroecologia já vem trazendo o debate do pensamento descolonial como princípio da luta: “Lutamos por uma ciência crítica, descolonizada, despatriarcal, anticapitalista, antirracista, antilesbofóbica, antihomofóbica comprometida com a transformação da sociedade e a construção de novos paradigmas.” (ABA AGROECOLOGIA, 2017, p. 5). Além disso, bandeiras como “Sem feminismo não há agroecologia”, “Se tem racismo não tem agroecologia”, “Comer é um ato político”, vislumbram a busca por uma sociedade justa e igualitária.

No campo acadêmico destacam-se os Núcleos de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEAs) e as Redes de Núcleos de Estudo em Agroecologia e Sistemas Orgânicos de Produção. (R-NEAs) como referência na quebra de paradigmas do modelo único de ciência que tem como base o conhecimento ocidental. Os NEAs e as RNEAs têm construído conhecimentos pautados na valorização dos diversos saberes a partir das especificidades de cada território. É o retorno da natureza enquanto protagonista da essência da vida, essa que fora “engolida” pela ciência moderna na qual “o ato de viver, celebrar e conservar a vida em toda sua diversidade – pessoas e natureza – parece ter sido sacrificado em nome do progresso e o sagrado da vida substituído pelo sagrado da ciência e do desenvolvimento” (SHIVA, 1995).



Figura 1 – Momento de encontro dos núcleos de Agroecologia do Brasil



Fonte: ABA-Agroecologia, 2017.

Além disso, vale destacar as inúmeras formas de adaptação e criatividade metodológica que a Agroecologia vem construindo. No ano de 2017 a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) sistematizou cerca de 28 metodologias viabilizadas pela prática agroecológica no Brasil. Tais metodologias se destacam por processos participativos, não extrativos, que integram um conjunto de movimentos, povos e pessoas que promovem o debate da Agroecologia a partir de um olhar crítico e profundo nos espaços de vivências, trocas, intercâmbios e conversas. Deste modo, metodologia horizontais são construídas a partir de um compromisso político, na qual, todas as pessoas possam ter acesso ao conhecimento produzido.

Diante do exposto Pereira (2016) sinaliza que ainda há muitos desafios na caminhada do pensar agroecológico tais como: 1- ânimo para desconstruir a dominação do conhecimento, 2- reconhecer as especificidades da realidade de cada luta, 3- fazer continuamente o questionamento das possibilidades da Agroecologia diante dos limites do agrário e 4- dar continuidade nos processos mesmo diante da irregularidade de apoio na política. Nesse sentido, a Agroecologia ainda passa por vários percalços e limitações na luta contra a hegemonia do pensar/saber e da desconstrução do projeto colonial patriarcal racista da agricultura brasileira, porém Acosta (2016) nos inspira trazendo que “Para trilhar um caminho diferente, é preciso superar o objetivo básico e os motores do modelo ocidental de desenvolvimento. Deve-se propiciar uma transformação radical das concepções e linguagens convencionais [...]”

Conclusões

O pensamento descolonial com olhar para a Agroecologia mostrou-se uma importante forma de resistir, lutar e libertar as pessoas e comunidades dos



processos de exclusão e opressão do modelo hegemônico de agricultura. Desta forma, como meio de reverter a expressividade da epistemologia ocidental, a Agroecologia tem buscado a valorização e recuperação dos diversos saberes tradicionais que foram perdidos e excluídos pela colonialidade do saber. Assim sendo, o debate agroecológico vem ganhando cada vez mais espaço nos estudos descoloniais, e sem dúvida a atuação das organizações, universidades e movimentos se mostram essenciais no incentivo das práticas agroecológicas já existentes e conseqüentemente o apontamento de caminhos possíveis. Portanto a Agroecologia, enquanto ciência, movimento e prática, se apresenta como possibilidade de rompimento do paradigma colonial e da autonomia e emancipação para toda sociedade.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

ABA-AGROECOLOGIA. **Caderno de metodologias:** inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico. Viçosa, v. 01, 2017.

ABA-AGROECOLOGIA. **Carta Agroecológica do Cerrado.** X Congresso Brasileiro de Agroecologia. Brasília, 2017.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia. Literária, Elefante, 2016.

BRAGATO, Fernanda. Para além do discurso eurocêntrico dos direitos humanos: contribuições da descolonialidade. **Revista Novos Estudos Jurídicos**, v. 19, n.1, p. 201-230, 2014.

GUZMÁN, Sevilla. **Agroecología y agricultura ecológica:** hacia una “re” construcción de la soberanía alimentaria. Córdoba, 2004.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Editora Companhia das Letras, 2019.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Globais, projetos locais.** Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte, 2003.



PEREIRA, Monica Cox. **Agroecologia na formação universitária:** da ecologia à Agroecologia e do ecossistema ao agroecossistema. Cadernos de Agroecologia v. 11, n. 1 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar. (org.). **A colonialidade do saber:** Eurocentrismo e Ciências Sociais Perspectivas Latino-Americanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005. p. 107-130.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda:** educação e descolonização. Rio de Janeiro, v.01, 2021.

SHIVA, Vandana. **Abrazar la vida:** mujer, ecología y desarrollo. Horas y Horas, Madrid, 1995.